

5.2.3

LIVRARIA SELEXYZ DOMINICANEN

Maastricht, Holanda (2007)

Merkx+Girod Arquitectos

199

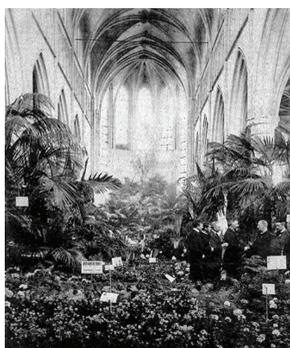
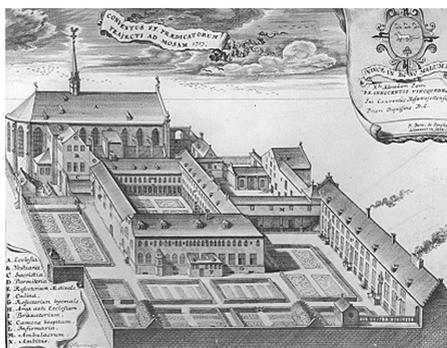
A desconsagração de espaços litúrgicos, como as igrejas, pode, devido às características arquitectónicas que estes edifícios detêm, constituir uma oportunidade de refuncionalização que introduza na cidade novas dinâmicas e relações da comunidade com o património. Não obstante, a sua ocupação deve ser anunciada, e desvinculada da função original tal como defende Alison e Peter Smithson. A “casca cenográfica” em que o edifício se tornou deve lançar pistas do novo uso. Jean Nouvel na intervenção em Sarlat-la-Canéda em França, resgata este conceito e aplica-o no projecto de conversão da Igreja Santa Maria¹ em Mercado Municipal e Centro Cultural. Uma Porta de aço com 17 metros de altura, denuncia a mudança, um novo uso. «*L’architecture est un mélange de nostalgie et d’anticipation extreme*»², expressa Jean Nouvel em letras vermelhas na porta negra da igreja, fundamentando a seu exercício.

No caso da igreja Dominicanen de Maastricht, na Holanda, verificaram-se várias adaptações a diversas funções bastante peculiares ao longo de mais de 7 séculos de existência, permanecendo, como património histórico de referência na cidade de Maastricht. Acima de tudo esta igreja demonstra a capacidade de adaptação deste espaço arquitectónico, a funções que dificilmente pensaríamos que se adequariam a este espaço.

É interessante constatar que em Évora, dinâmicas de refuncionalização desta natureza, não são de todo estranhas, embora desconhecidas ou pouco evidencia-

¹ Igreja desconsagrada no início do séc. XX, situa-se no centro histórico da cidade. O projecto (2001) de Jean Nouvel faz parte de um plano de reabilitação urbana da cidade de Sarlat-de-canéda, incluindo e reestruturando património histórico de referência urbana na vivência diária dos habitantes e turistas da cidade.

² tradução livre «A arquitectura é uma mistura de nostalgia e de extrema antecipação»



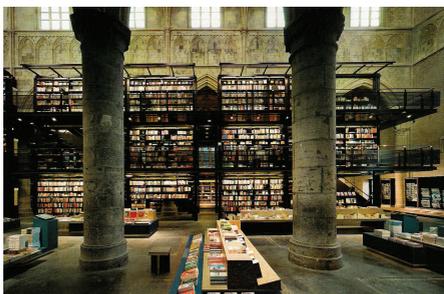
152, 153, 154, 155, 156, 157, 158 ao longo de mais de seis séculos a igreja sofreu diversas funções, tais como: sala de exames escolares, sala de espetáculos de boxe, espaço de concertos, mercado de natal, parque de bicicletas, loja de livros usados e espaço de festas e bailes de carnaval

das. Caso disso é a igreja de S. Vicente utilizada como espaço expositivo, ou mesmo a igreja das Mercês que actualmente cumpre funções de depósito e arquivo do Museu de Évora.

A igreja Dominicanen, situada no centro da cidade histórica, remonta ao século XIII. De estilo gótico, organiza-se em planta de cruz latina, constituída por 3 naves colunadas e estrutura abobadada na cobertura, repleta de frescos com motivos religiosos. O material predominante é quase exclusivamente a pedra, em muitas situações marcada pelo grande detalhe decorativo.

A sua construção teve início em 1267 a cargo dos monges dominicanos, estando em 1294 consagrada para efeitos de culto. Permaneceria com as funções originais até ao final século XVIII, altura em que os monges dominicanos foram expulsos pelas tropas francesas que só usaram o edifício para os mesmos efeitos pelo período de uma década, transformando-a posteriormente em armazém e mais tarde em cavaleriça. Desde então este espaço foi usado nas mais diversas situações, tais como: parque de bicicletas, sala de exames escolares, espectáculos de boxe, espectáculos com repteis e anfíbios, espectáculos de música, mercados de natal, loja de livros usados e mais recentemente para festas e bailes de carnaval (entre as décadas de 50 e 90 do séc. XX).

Na actualidade ganhou funções de livraria. O projecto de renovação foi conduzido pela Livraria Selexyz, em parceria com o Município de Maastricht, fazendo parte de um processo de renovação urbana que engloba uma zona comercial na envolvente – *Entre Deux Shopping Center*. Ao longo de mais de quatro anos a igreja sofreu um restauro e limpeza profundo, incluindo as pinturas do tecto que permaneciam muito degradadas, um levantamento arqueológico na totalidade da área pavimentada e a remoção de elementos adicionados que não faziam parte da configuração original da igreja.



159, 160, 161, 162 Um "móvel gigante" foi construído para dar forma ao espaço de livraria, encaixando-se por entre a nave central e lateral direita. O projecto da livraria é da autoria dos arquitectos Merkx+Girod Arquitectos

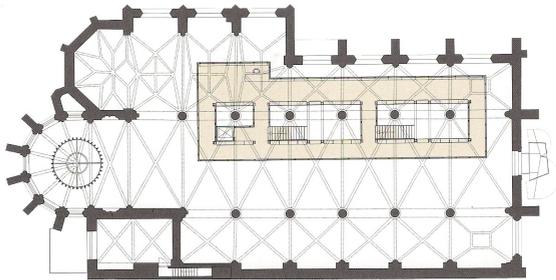
O ateliê de arquitectos Merckx+Girod foi responsável pelo projecto de transformação do espaço ao novo uso. O cliente requeria 1200 m² de espaço para exposição dos livros, mas concluiu-se que somente 750 m² poderiam ser aproveitados, pelo que, foi necessário equacionar uma nova solução que tirasse partido das particularidades da igreja, mas que maximizasse o espaço de exposição.

Foi então criado uma espécie de móvel de grande escala, estrutura de metal, com dois pisos repletos de prateleiras perfazendo as necessidades expositivas da livraria. Para a optimização das qualidades do espaço, este grande móvel, foi encaixado assimetricamente entre a nave principal e a nave direita, solução esta que permite dar especial ênfase à estrutura vertical que caracteriza a igreja gótica. No segundo nível é possível estabelecer uma relação de proximidade com os tectos nervurados, sob os arcos ogivais que pontuam a igreja. Os acessos aos pisos superiores estabelecem um diálogo com a entrada da igreja e esta estrutura metálica incorpora muito discretamente um elevador que permite o acesso a pessoas de mobilidade reduzida. Ao longo da nave principal, no espaço sobrance, foram ainda criadas mesas de exposição e na zona da abside foi instalada uma zona de estada, com cafetaria e uma zona de leitura ao centro. A cripta por detrás da abside, contém salas de arrumos, administração e áreas técnicas, e a capela do lado direito foi adaptada para introdução de um espaço infantil.

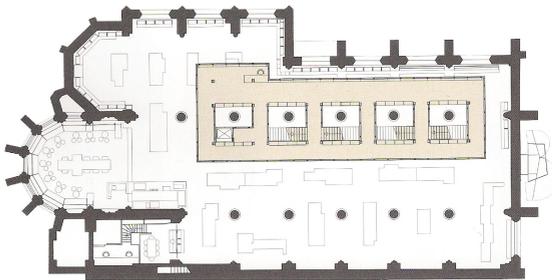
O facto de se tratar da intervenção num monumento histórico, e com elevada carga simbólica, levou a que os arquitectos optassem por uma solução totalmente reversível e reveladora das qualidades espaciais. Todos os elementos estão desligados de qualquer parede ou pavimento e portanto facilmente removíveis ou desmantelados se novos usos forem equacionados no futuro, sem que ocorram danos materiais no edifício, conforme afirma Marc Dubois³

3 DUBAIS 2009

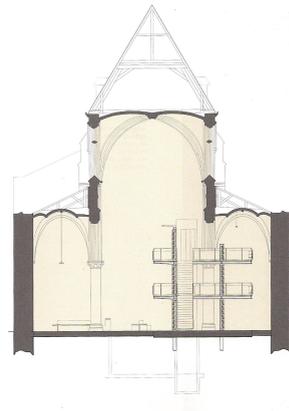
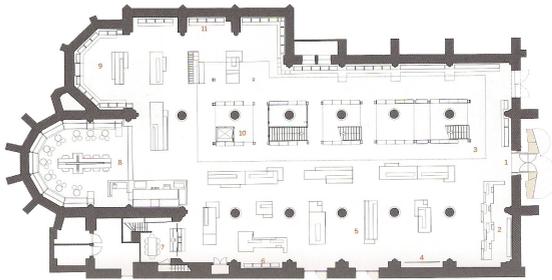
204



163



164



165 166

163, 164, 165 planta do 3º, 2º e 1º piso respectivamente
166 Corte

Os proprietários da livraria tiram ainda partido da multifuncionalidade do espaço para a promoção de outros eventos de natureza cultural, como sejam recitais de poesia, pequenos concertos de música ou palestras.

205

O projecto da Livraria Selexyz Dominicanen, tenta reverter o abandono destas estruturas patrimoniais, que devido à diminuição da crença religiosa sofrem um processo de desfuncionalização, ao mesmo tempo que reavivam o interesse pela qualidade arquitectónica e artística destes locais. Um facto de extrema relevância deve-se também à mediatização desta intervenção, que num espaço de três anos causou um processo de atractividade a nível nacional e internacional, correspondente a um exponencial aumento do número de visitantes na cidade de Maastricht e a um maior investimento a nível cultural.

5.3

CIDADE / CASA REABILITADA

No capítulo denominado *Transformações recentes da cidade média em Portugal*, traçamos já referência à transformação dos modelos urbanos, opostos a lógicas que estiveram na génese da construção urbana e da sua lenta consolidação. A cidade de hoje, sujeita a novos padrões de vida estabelece divergências e instabilidade em relação aos velhos tecidos urbanos e complexifica a reformulação da cidade de forma coesa, levando à desconstrução de lógicas de uso dos diferentes segmentos.

207

Porque transportadores de originalidade cultural, tal como acontece a elementos arquitectónicos isolados, também os Centros Históricos se tornaram conjuntos urbanos perversamente delimitados e limitados na sua singular beleza, muitas vezes “turisticizados” como forma de rentabilizar e sustentar a sua permanência. Perante esta evidência,

«a preocupação em torno dos centros históricos, por exemplo, configura-se como uma espécie de hipocrisia: como se nos centros tradicionais existisse uma grande qualidade que a arquitectura contemporânea destrói, enquanto o “resto” é considerado um mundo à parte onde se pode construir com leviandade.»¹

Este ideal resulta em Centros Históricos marginalizados pela sua condição patrimonial, cristalizados porque musealizados e cada vez menos vividos.

Perante tais circunstâncias, reconhece-se a necessidade de reacções que permitam a qualificação do espaço urbano nestes ambientes conhecidos como históricos, e que ganhem «valor estratégico enquanto possibilidade de instauração de um sentido, derivado da constância do seu peso simbólico e centralizador, e conquistando espaço de interacção com uma nova escala territorial (...).»² Os centros das cidades carecem de profundas actualizações que instaurem novas dinâmicas urbanas e no-

1 AAVV 2006:21

2 idem

208



167 168



169



179

167 Vista geral de Montemor-o-Velho

168 Praça República redesenhada e pedonalizada

169 Qualificação do espaço público

170 Plano de intervenção urbana em Montemor-o-Velho. As letras assinalam as intervenções pontuais ligadas pela reabilitação do espaço urbano.

vas possibilidades de se afirmarem como zonas de excepção não apenas pelo seu valor simbólico e histórico, mas pela qualidade de vida que podem ainda oferecer.

Em Montemor-o-Velho, o Arq. Miguel Figueira assumiu no comando do GTL³ o compromisso da reabilitação urbana de uma Vila em acelerado processo de desertificação. Através da qualificação do espaço urbano, introduziu novas relações entre os diferentes equipamentos existentes na vila, e adoptou políticas de produção e promoção artística como veículo de uma nova dinâmica de regeneração física e social de um Centro em crise. Desenvolveu-se um esforço de redefinição do espaço urbano na sua imagem, directamente relacionado com infra-estruturas existentes, e com novos espaços que foram ocupados e reutilizados para albergar novos programas dentro do centro da Vila. O GTL pela sua condição local, adoptou neste processo uma cuidada análise articulada entre as diferentes intervenientes no espaço urbano da Vila, envolvido por uma constante negociação entre os diferentes projectos e os desejos e necessidades que realmente envolvem a população muito para além do aspecto físico e material da transformação. Estrategicamente foram entregues alguns dos projectos específicos a arquitectos externos que permitem a activação de um processo faseado, que se compatibiliza com a disponibilidade de verbas e com o curto espaço de tempo de permanência da equipa do GTL. Esta estratégia permite portanto que, o projecto de reabilitação seja continuado em consonância com o Plano.

As dinâmicas de reaproveitamento e reconversão do espaço – publico e/ou doméstico - seguidas por outras cidades noutros países têm construído imaginários de possibilidades que fabricam novas premissas e modelos de actuação e reaproveitamento de espaços tornados obsoletos. Pedro Bandeira n'«O projecto *Quarteirões* reivindica a apropriação pública (...)», do interior dos quarteirões da cidade do Porto⁴, numa experiência especulativa baseada na imagem cartográfica da cidade no

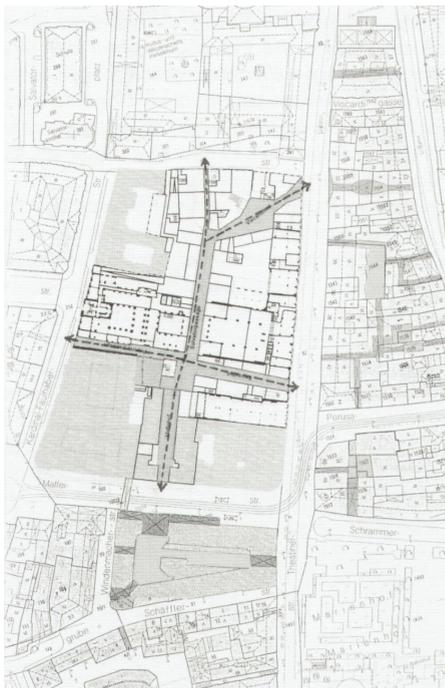
3 Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

4 BANDEIRA 2006:110

210



171 172 173 174



175



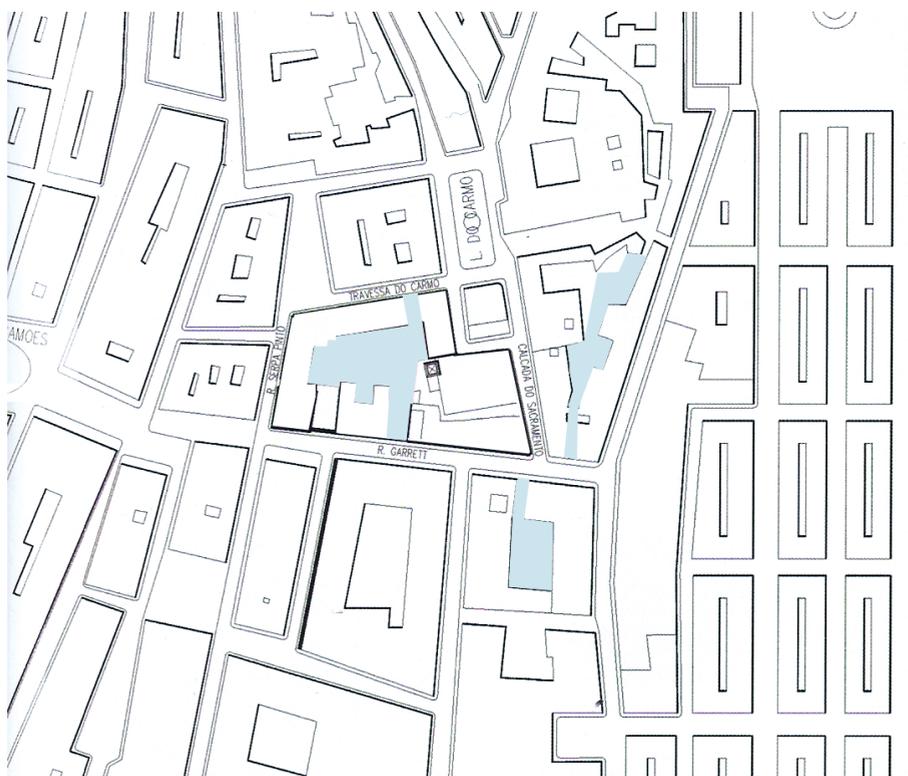
176 177

171, 172, 173, 174 projecto "quarteirões", arq. Pedro Bandeira
175, 176, 177 Projecto *Five Courtyards*, Munich. Arq.s Herzog & De Meuron.

séc. XIX, e como resposta à construção clandestina desfuncionalizada e degradada, fruto da desertificação deste centro urbano. O autor defende que estas intervenções «poderão representar a promessa de requalificação urbana (...), para dar lugar a equipamentos de carácter colectivo (...)», na imagem de uma piscina irregular, de uma igreja politéista de céu aberto e/ou num parque de campismo urbano.

Este exercício de resgate que Pedro Bandeira especulativamente defende, acaba por ser efectivo no projecto *Five Courtyards* projectado pelos Arquitectos Herzog & De Meuron no centro da cidade de Munique. O projecto faz a reorganização do interior um denso quarteirão por meio de pátios e passagens pedonais, transformando-o em Centro Comercial, e possibilitando a integração urbana com as ruas comerciais envolventes, entre as direcções Norte-Sul, Este-Oeste. As novas passagens e pátios introduzem nos percursos, uma mistura de becos, praças e *passages*, alimentados por um desenho e caracterização espacial que varia entre o largo e o estreito, o alto e o baixo, zonas cobertas e descobertas, introduzindo desta forma novas dinâmicas de rua, simultaneamente atractivas, porque quase anónimas e “escondidas” por dentro da “casca” do quarteirão renascentista.

Em Barcelona, o exemplo cruza-se com a disponibilidade do interior de muitos dos quarteirões do plano urbano de Ildefons Cerdá e a desfuncionalização dos depósitos de água, refuncionalizados hoje em dia na forma de pequenos jardins semi-públicos. O mesmo se verifica no Plano de Reabilitação da Baixa Chiado em Lisboa de Álvaro Siza, onde, numa estratégia muito clara e subtil subvertem-se as lógicas de propriedade dos interiores dos quarteirões de domínio privado, passando a permitir atravessamentos de ruas e atalhos urbanos integrados na vida pública da cidade. Nestes espaços nasceram pracetas com esplanadas, lugares de estar e frentes de lojas como um prolongamento do espaço da rua. Esta estratégia viria a ser continuada em novos projectos de reabilitação urbana na mesma zona, como aconteceu posteriormente na reabilitação de um quarteirão projectado por Gonçalo Byrne.



178 Pátios públicos no Chiado, Lisboa. A possibilidade de tornar público os pátios interiores dos quarteirões faz parte de uma estratégia adoptada pelo arq. Siza Vieira, seguida também pelo arq. Gonçalo Byrne, para possibilitar maior permeabilidade do espaço urbano. Nestes espaços criam-se novas frentes de lojas, zonas de estada e esplanadas, aliadas à possibilidade de traçar atalhos no percurso acidentado do Chiado em Lisboa.

A questão da propriedade pública e privada carece muitas vezes de revisões e actualizações, que possibilitem a criação de novas dinâmicas na cidade. O uso temporário de espaços devolutos pode figurar como uma opção de progressiva manutenção de imóveis, actividades e de sociabilidade. Práticas efémeras (e provocatórias) defendidas pelo Arq. Santiago Cirugeda, ou mais informais aplicadas por alguns municípios em zonas afectadas pelos fenómenos de progressivo esvaziamento, revelam-se surpreendentes como meios reflexivos, simultaneamente experimentalistas e actuates.

Outras práticas, de carácter espontâneo, reconhecem a oportunidade de tomar partido das circunstâncias de esvaziamento. O Centro Comercial STOP no centro do Porto, assistiu a um enfraquecimento comercial decorrente da abertura das grandes superfícies comerciais na periferia. Espontaneamente, as 86 antigas lojas vazias foram-se tornando salas de ensaios de bandas de “garagem” e surgiram novos espaços comerciais ligados à cultura alternativa que o tornam sustentável.

O projecto cultural instalado na Fábrica Braço de Prata, tira partido do edifício desfuncionalizado⁵ da administração da antiga fábrica de material de guerra fundada em 1908, nos arredores da cidade de Lisboa, para aí desenvolver um espaço de criação e divulgação cultural. A Livraria Eterno Retorno, no seguimento de um acordo com a Sociedade Obriverca, e em colaboração com a Livraria Ler Devagar, transforma o antigo edifício num espaço cultural, reconhecido e apoiado pelo Município. Para além das 2 livrarias o espaço, o espaço acolhe concertos (jazz, música erudita, pop/rock, fado) e exposições de artes plásticas, promove ciclos de conferências, debates, lançamentos de livros, e torna possível nas suas instalações workshops de dança, teatro, artes plásticas, ciclos de cinema, e residências de artistas.⁶

⁵ No início da década de 90, por altura dos grandes projectos em torno da Expo 98, a fábrica foi desactivada.

⁶ Fonte: <http://www.bracodeprata.com/index.shtml>

214

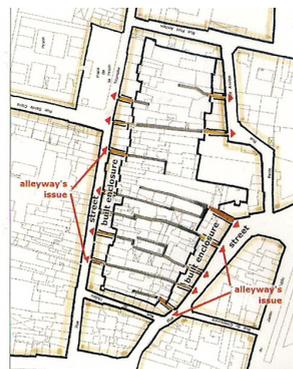


179 Fábrica do braço de prata.

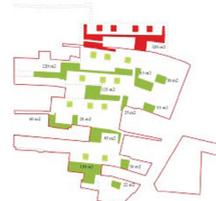
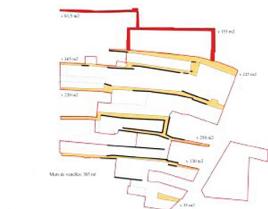
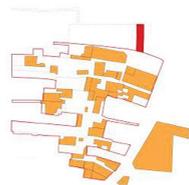
Évora tem procurado dinâmicas de ocupação, com menor visibilidade mas não menos importantes. Locais como o Espaço Celeiros, representam na cidade uma alternativa apelativa ao desenvolvimento de actividades e dinamização de colectividades e cidadãos. Neste caso as associações locais como a Pé de Xumbo, a Sociedade Harmonia Eborense, entre outras, representam uma auto-iniciativa de dinamização cultural que deve ser ainda mais estimulada e potenciada.

A reabilitação da cidade é um problema de cultura e de identidade, é uma questão de auto-estima social, que se reflecte cada vez mais no seu abandono. Despertar mecanismos, subverter lógicas e políticas obsoletas que convertam a cidade, e sobretudo o seu centro, num sistema disponível a ser usado e actualizado, são estratégias que podem corrigir e reactivar o interesse pelos potenciais que o centro da cidade ainda pode oferecer.

216



180 181 182



183 184 185

- 180 local de intervenção
- 181,182 esquema analítico de propriedades e percursos existentes
- 183 esquema de demolições
- 184 esquema de passagens
- 185 esquema de jardins privados

5.3.1

REABILITAÇÃO URBANA EM SAINTS

Saints, França (1993-2005)

217

Babled Nouvet Reynaud arquitectos

Intervir num centro histórico é declaradamente um processo complexo. Como defende João Mendes Ribeiro só haverá manutenção se houver transformação, sendo que, os casos mais felizes serão aqueles que forem capazes de fazer a síntese entre património e modernidade.¹

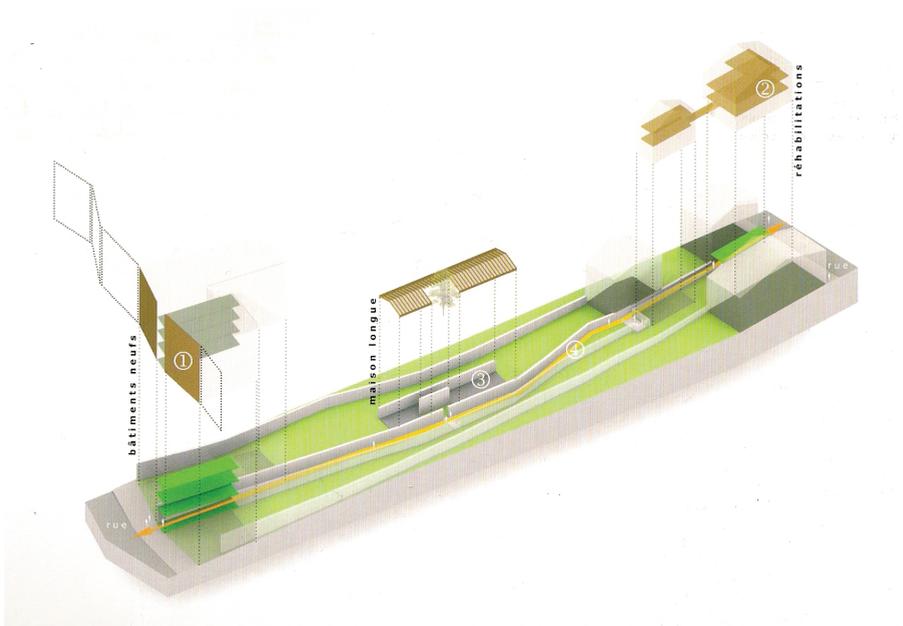
Partindo de problemáticas similares a grande parte das cidades europeias, Saints desenvolve-se envolta pelo caos de uma cintura periférica em crescente dominância e de um miolo histórico em progressivo envelhecimento. O decréscimo de população verifica-se pela atractividade que a cintura periférica exerce, contrariamente aos problemas de habitação verificados no centro histórico da cidade de Saints. O retractor não é portanto desconhecido a outras cidades.

A estratégia do Município centrou-se na reabilitação urbana do centro histórico, renovando os velhos bairros históricos de forma a atrair pessoas que se haviam progressivamente rendido à periferia urbana.

Em 1994 lançaram, no contexto do Programa *Europan*, um concurso de ideias para a revitalização de um quarteirão degradado, como impulsionador de um processo de requalificação do centro histórico, englobando igualmente uma frente ribeirinha. O quarteirão formado por edifícios do séc. XVIII e XIX no seu contorno, abrangia uma vasta área interior de quintais divididos parcelarmente por muros e entremeados por estreitas passagens que se foram desfuncionalizando ao longo do tempo.

¹ João Mendes Ribeiro a propósito do XIV Encontro Nacional de Municípios com Centros Históricos, Beja 14 a 16 de Maio de 2009

218



186



187

186 esquema de intervenção de um dos lotes
187 Planta do piso térreo da zona de intervenção

Com este projecto, o atelier francês BNR arquitectos, vencedores do concurso, estabeleceram um diálogo entre as características morfológicas do local e as particularidades arquitectónicas da cidade. Iniciaram primeiro que tudo uma profunda e cuidada análise do desenho das propriedades e das políticas de aquisição dos terrenos, requerendo um cuidado ajuste projectual a estas premissas. No final das negociações entre o Município e os donos das propriedades, conduzidas caso a caso, não se verificaram quaisquer expropriações ou sequer grandes agregações de terrenos.

No ano de 2000, deu-se início a uma fase de demolição das construções obsoletas, alguns interiores de edifícios englobados na reabilitação e os trabalhos de reajuste das ruelas interiores. Durante a demolição percebeu-se, devido à qualidade das pedras das alvenarias e outros materiais, a possibilidade de reutilização dos mesmos, particularmente os blocos de pedra talhada, «tornando tal facto numa oportunidade técnica, formal e económica,»² que possibilitava uma aproximação da imagem tradicional do conjunto e portanto aplicados novamente *in loco*.

Do conjunto renovado contam-se 17 edifícios com 30 diferentes tipologias de habitação, quase todos reabilitados, à excepção de 5 casas no interior do quarteirão e de 3 novos edifícios que foram erguidos de raiz. As tipologias, com diferentes dimensões espaciais, adaptaram-se, em parte, às condições dos edifícios existentes. Os arquitectos introduziram ainda ligações externas e passadiços que adequaram acessos e ligações às casas.

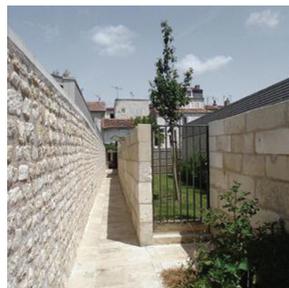
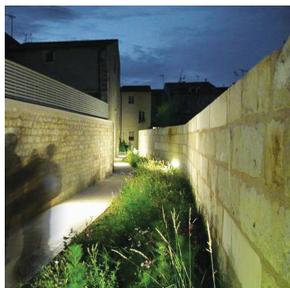
As habitações unifamiliares criadas no interior do quarteirão, adossam-se longitudinalmente aos muros quase contínuos e abrem-se para os jardins nos seus topos. Os muros “desenham” as estreitas ruelas. O acesso a estas habitações faz-se através de uma rotura no muro que permite o acesso a um pequeno pátio, simultaneamente filtro entre espaço público e privado que antecede a entrada da habitação.

2 DIDELO 2007:39 (tradução livre)

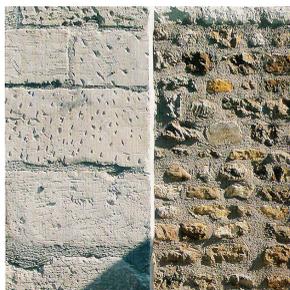
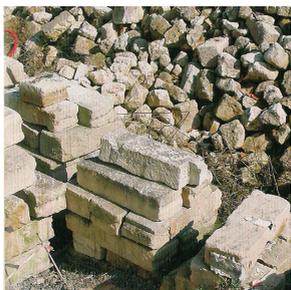
220



188 189



190 191 192



193 194 195

- 188 Vista geral sobre a intervenção no interior do quarteirão.
- 189 Passagens elevadas introduzidas como elemento de ligação a novos volumes
- 190 Pátio de entrada de um das casas do interior do quarteirão
- 191, 192 vista dos percursos internos do quarteirão
- 193, 194 blocos de pedra aproveitados durante a demolição de alguns edifícios, aplicados na construção dos muros que definem os percursos no interior do quarteirão
- 195 Novos edifícios na Rua Gautier

O interior do quarteirão, com a remoção de edifícios de origem ilegal e a renovação dos espaços verdes, das ruelas refuncionalizadas, e da adaptação natural das novas habitações, ganhou um novo sentido, tornou o espaço mais salubre e iluminado. O seu acesso discreto destina-se sobretudo ao acesso às habitações, mas as estreitas passagens permitem igualmente a criação de atalhos que dão maior permeabilidade ao espaço urbano.

Nos gavetos situados na ponta Oeste da zona de intervenção, surgem três novos edifícios, descritos pelos arquitectos como um 3º estado deste complexo urbano que combina existente, reabilitado e novos elementos. Os novos edifícios mantêm a sobriedade de materiais, imagem e a regularidade dos vãos que caracterizam a linguagem arquitectónica dominante, procurando um equilíbrio entre as diferentes cotas presentes nos edifícios adjacentes e que pontuam a evolução da rua. São, por assim dizer, a única ponta visível desta profunda intervenção no conjunto.

O resultado positivo do projecto, resulta na capacidade de leitura do espaço arquitectónico existente, da sua interpretação e no redesenho do espaço, adequado aos padrões de conforto actuais. Não se trata exclusivamente do que foi construído, mas igualmente na capacidade de filtrar e tirar partido das possibilidades que as pré-existências oferecem. Prova essencialmente que é possível criar espaço arquitectónico de qualidade, (que se julga muitas vezes exclusivo das áreas periféricas) em ambientes históricos deprimidos, com resultados claros e efectivos no repovoamento destas áreas urbanas.

5.3.2

PORTO VIVO, SRU

EMPARCELAMENTO DE PROPRIEDADES

Em Maio de 2004 foi publicado um diploma¹, que aprova um regime excepcional de reabilitação urbana para zonas históricas, com o objectivo de criar instrumentos que permitam aos Municípios intervir na recuperação e reconversão urbanística. As SRU's (Sociedades de Reabilitação Urbana), surgidas no seguimento deste diploma, são empresas públicas que dispõem de estatutos que permitem colaborar em parcerias e agilizar processos de intervenção urbana de conjunto. Após a preparação de um diagnóstico, é elaborado um plano estratégico de reabilitação que os proprietários individualmente poderão realizar, ou poderão associar-se em parceria à SRU. Caso o proprietário opte por não efectuar as obras, a SRU substitui-se a este na sua execução e o imóvel poderá ser expropriado, aumentando para o efeito a eficácia das operações de reabilitação. Por outro lado, o facto de a reabilitação ser feita em conjuntos edificados ou quarteirões permite que seja feito um estudo dessas zonas, determinando os edifícios em pior estado, o tipo de ocupação, as urgências dos moradores e a necessidade de introduzir comércio, serviços, estacionamento, etc.

223

O *PORTO VIVO – SRU*², desenvolveu ao longo dos últimos 6 anos uma série de documentos estratégicos³, baseados na análise de um conjunto de quarteirões definidos como prioritários no processo de reabilitação no centro histórico do Porto.

A alteração dos padrões de conforto exigidos pela vida moderna, conforme referimos anteriormente, constituem quase sempre um factor de constrangimento e marginalização dos Centros Históricos pelos impedimentos e dificuldades de articulação que se permitem nestes espaços. Imóveis de pequena dimensão, con-

¹ Decreto-Lei n.º 104/2004

² “ A Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A., é uma empresa de capitais públicos, do Estado (IHRU) e da Câmara Municipal do Porto, que tem como missão conduzir o processo de reabilitação urbana da Baixa Portuense, à luz do Decreto-Lei n.º 104/2004, de 7 de Maio.” ver http://www.portovivosru.pt/sub_menu_1_1.php para informações adicionais sobre estatutos, políticas e estratégias de acção.

³ Ver os vários documentos estratégicos publicados no site <http://www.portovivosru.pt> que definem para mais de 30 quarteirões da Baixa Portuense, estratégias de intervenção fundamentadas na atractividade que estes edifícios.

224 dições de salubridade, ventilação e iluminação deficientes, e acessos interiores desqualificados, a par do envelhecimento progressivo dos imóveis, representam sintomas responsáveis pelo abandono destas áreas residenciais.

A estratégia proposta pelo PORTO VIVO – SRU para a reabilitação da Baixa Portuense, para além dos objectivos de melhorar as condições de vida e imagem da cidade, promover negócios, revitalizar o comércio, dinamizar o turismo, cultura e lazer, passa por mecanismos de intervenção que adequem a estrutura urbana nestas áreas degradadas, a modelos de habitar contemporâneos, “corrigindo” fragilidades do edificado.

A dinamização da oferta de tipologias flexíveis, figura-se como fundamental para o «reincetivo à residência dos mais diversos sectores da comunidade, principalmente daqueles que contam com raízes na zona, de famílias jovens e estudantes.»⁴ O aproveitamento de espaços devolutos pode assim reforçar e diversificar a oferta de habitação, comércio e serviços que reestruturem social e fisicamente o espaço urbano.

Em muitos casos, o facto de o edificado (singularmente ou num grupo de edifícios contíguos) se encontrar em estado de ruína, requerendo intervenção profunda, oferece possibilidades de intervenção conjunta sustentadas em operações de emparcelamento de imóveis. Uma forma de racionalizar e rentabilizar o espaço criado, evitando-se repetições de acessos e de estruturas que encarecem a obra, condicionam a organização física e espacial interior e fazem repetir áreas (por exemplo de acessos). Em alguns quarteirões do Porto, como a *Vilela do Anjo- Morro da Sé, Martins Alho, Pelames*, que a seguir se apresentam, surgem nos planos estratégicos elaborados pela SRU do Porto, como grupos de edifícios com deficiências tais que torna-se viável equacionar o emparcelamento de habitações ou comércio de edifícios contíguos, bem como de saquões de ventilação.

⁴ in projecto base de documento estratégico “Unidade de Intervenção do Quarteirão 14031 – Vilela do Anjo – Morro da Sé” Novembro de 2006

Esta política de intervenção levanta imensas questões e oposições. No caso do centro histórico de Guimarães (a outra escala) por exemplo, a junção de fogos não é permitida porque, segundo as políticas do Município, isto constituiria um fingimento dos modelos habitacionais herdados. A Arqta. Alexandra Gesta defende que simplesmente «há que orientar, promover o encontro entre oferta e a procura para de entre as diversas tipologias encontrar a certa para cada *Standart*.»⁵ Para além dos impedimentos de ordem política que acusam estas intervenções de promoverem um conceito “fachadista”, existem impedimentos de ordem técnica e física que impedem acções desta natureza. Para além dos edifícios contíguos apresentarem muitas vezes graus de degradação diferentes, verifica-se muitas vezes cotas de vãos e de pavimentos diferenciados entre edifícios contíguos, o que, sem promover uma demolição de elevado grau, dificulta as opções de projecto e diminui as vantagens.

Apesar das diferentes posições sobre o tema, não podemos deixar de concordar que este tipo de acções, a bem da qualidade de vida dos residentes e das condições de habitabilidade substancialmente melhoradas, poderão ser encaradas como processos activos que possibilitam a vivência do centro histórico com a qualidade e conforto que se esperam hoje em dia. Estes Centros, outrora densamente povoados, carecem agora de uma actualização que “injecte” novos moradores.

O compromisso proposto pela SRU do Porto, passará por manter estável a identidade do centro histórico, que tal como noutros sítios lega uma forte carga patrimonial⁶, mas adaptando e reinventando o que se reconhece como uma fragilidade, de forma a criar fogos qualificados, com condições de segurança, salubridade, conforto, funcionalidade, e sobretudo que seduzam novos moradores e os atraiam a estas zonas.

5 Alexandra Gesta, in entrevista “Política e Cidadania”, revista *Arquitectura e Vida* n.70, Abril de 2006 p.36

6 O centro histórico do Porto foi classificado Património Mundial da Humanidade pela UNESCO, em Dezembro de 1996

226



Tipo de Intervenção

- Ora Pontual
- Ora Significativa
- Ora Profunda
- Não necessita de obra
- Edifícios a tratar em conjunto - emparcelamento

196

197 198

196 Localização do quarteirão Viela do Anjo
197 Esquema com intenções de intervenção e emparcelamento de propriedades
198 Vista geral do conjunto

5.3.2.1

QUARTEIRÃO 14031 VIELA DO ANJO – MORRO DA SÉ

Situado na zona denominada Morro da Sé, o Quarteirão Viela do Anjo assume uma posição de charneira entre a área mais interiorizada do Morro e a frente urbana da Rua Mouzinho da Silveira. Socialmente este fragmento da cidade não apresenta grandes sinais de vitalidade, pois há muitas pessoas com idade avançada, desempregados e muitos sem rendimentos. Verifica-se ainda uma baixa densidade populacional

227

Existem no quarteirão 54 fogos, 36 habitacionais (29 ocupados e 7 devolutos) e 18 não habitacionais (11 ocupados e 7 devolutos). Funcionalmente, prevalece a habitação com 67% do total de fracções. O número de espaços comerciais é de 6, dos quais 3 estão devolutos. Assim, 26% dos fogos do quarteirão estão devolutos. O elevado número de edifícios devolutos assume-se como uma oportunidade de reabilitação mais profunda do quarteirão com o objectivo de atrair novos residentes de forma a conquistar um equilíbrio social. Pretende-se dinamizar a oferta de tipologias flexíveis adequadas ao reincentivo à residência.

Em termos físicos, é quase geral a necessidade de intervenção profunda ou significativa sobre o edificado, pois apenas 4 edifícios estão em bom estado carecendo apenas de obras pontuais, e somente 1 não necessita de qualquer obra. No entanto, surge a possibilidade de se gerarem operações de reabilitação conjugadas em 3 conjuntos de edifícios – um com edifícios integralmente propriedade da Câmara Municipal do Porto (parcelas 16 a 19/19A), outro com 2 edifícios da CMP e um da Porto Vivo, SRU (parcelas 12 a 14) e outro com um edifício da CMP e outro privado (parcelas 9 e 10).

Os edifícios em ruína pertencentes à Câmara Municipal do Porto, um edifício da Porto Vivo, SRU e um edifício privado, farão parte de uma operação conjunta destinada a habitação.

228



199



--- proposta de aumento de cônces! ' piso

200

199 Esquina do quarteirão, onde se prevê a adição de pisos
200 Esquema de intenções de adição de pisos adicionais

«Esta situação decorre da estratégia de potenciar a função residencial no Morro da Sé, mas também de se constatar a existência de carências habitacionais que exigem, em consonância com actuais senhorios, a reinstalação de famílias que vivem sem quaisquer condições.»¹

Pretende-se aumentar os padrões de habitabilidade dos fogos existentes, e, por outro lado, criar novos fogos com tipologias de pequena dimensão adequados á procura dominante – T1 e T2

Nos espaços devolutos prevê-se também a instalação de actividades terciárias de serviços a residentes e turistas que aumentará alguma da dinâmica já existente com a presença da *Loja da Reabilitação* e ateliers. Eventualmente estarão ainda equacionadas possibilidades de adaptação de edifícios a oferta turística de equipamentos hoteleiros de pequena escala.²

1 in plano estratégico " unidade de intervenção do Quarteirão 14031 – Viela do Anjo – Morro da Sé" Novembro de 2006

2 O processo, segundo refere o plano estratégico, tal como acontece em outros dos territórios do centro histórico, é paradigmática das dificuldades do processo de reabilitação urbana. Programas como o *RECRUA* ou o *Viv'a Baixa*, são entendidos como indispensáveis à cativação de reabilitação por parte de privados.

230



■ ACESSO VERTICAL AOS PISOS SUPERIORES

■ PARCELAS EM QUE O ACESSO AOS PISOS SUPERIORES É FEITO EXCLUSIVAMENTE PELO INTERIOR DO ESPAÇO COMERCIAL

0 1 2 3 4 5 10 15 20

201 202

201 Localização do quarteirão Martins Alho
202 Planta analítica do conjunto

5.3.2.2

QUARTEIRÃO 14026 - MARTINS ALHO

Situado no início da Rua das Flores e Mouzinho da Silva, no centro histórico do Porto, o quarteirão configura-se de prédios estreitos quase sempre sem logradouro e apresentam um elevado estado de degradação. As parcelas possuem formas irregulares e dimensões variáveis, fruto das diferentes transformações urbanas a que foram sujeitas ao longo dos séculos. Mais de metade dos edifícios incluem os seus acessos exclusivamente através do espaço comercial do r/c, resultante da reduzida frente do edificado e da sua origem unifamiliar.

231

Genericamente o quarteirão apresenta riscos de segurança pública, pelo incumprimento de regulamentos de incêndio e existem no seu interior saguões obstruídos com lixo e entulho. Sobretudo os pisos superiores apresentam mau estado de conservação devido à sua condição devoluta, falta de obras de manutenção e degradação das coberturas.

«Tendo em conta o diagnóstico traçado, nomeadamente no que concerne à degradação física, definiu-se uma estratégia de reabilitação que visa garantir, prioritariamente, as condições de segurança, salubridade e estética do quarteirão, de forma a permitir a revitalização do quarteirão, atendendo a que pelo menos 60% do edificado do quarteirão está devoluto e que só tem duas famílias residentes.»¹

A desadequação funcional do edificado face às necessidades actuais: inexistência de acessibilidades aos pisos superiores independentes de espaços comerciais e tipologias obsoletas, observam-se como as principais causas da saída dos residentes destas habitações.

A proposta de intervenção da SRU do Porto é qualificar o quarteirão no que se refere à segurança, salubridade e estética, criando condições para a revitalização

¹ in documento estratégico "unidade de Intervenção – Quarteirão 14026 – Martins Alho



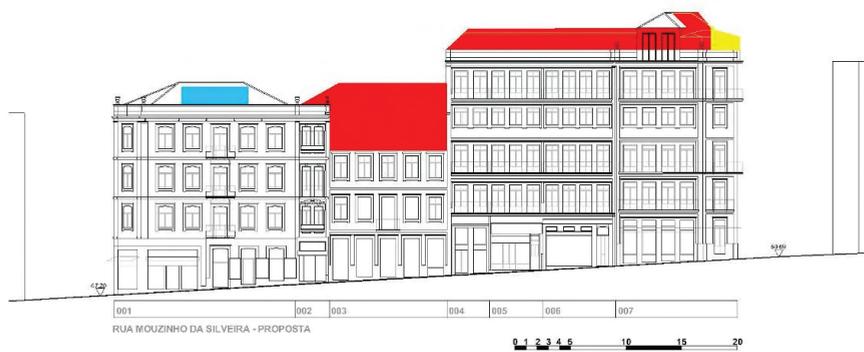
203, 204, 205 esquema de intenções de união de saguões e emparcelamento de propriedades

e reocupação. Para a resolução da situação de degradação do quarteirão, motivada em grande parte pela falta de autonomia dos pisos superiores, preconiza-se a realização de uma intervenção conjugada, através de emparcelamento de 12 edifícios contíguos, que permitirá racionalizar acessos verticais, autonomizar os pisos superiores, rentabilizar os espaços a criar e viabilizar economicamente a intervenção. Só assim poderão criar-se fogos qualificados, com condições de segurança, salubridade e estética, além de melhor funcionalidade e conforto. Consideradas as reduzidas dimensões das parcelas (com uma área média por piso de 50m²), e a dependência dos andares relativamente ao r/c não é possível criar-se uma compartimentação distinta da existente, sem o emparcelamento, atendendo a que cerca de metade da respectiva área seria consumida pelos acessos verticais.

A união dos saguões existentes concretizará uma ventilação mais efectiva, ao mesmo tempo que funcionará como galeria de acesso às habitações, dotada de escadas e elevadores. Os espaços comerciais deverão estabelecer relações com as ruas envolventes do quarteirão, admitindo-se a sua agregação em espaços com maiores dimensões e a utilização das caves como extensão.

Em dois edifícios do conjunto equaciona-se ainda, sob a forma de pisos recuados, o aumento da cércea das parcelas de modo a atenuar discrepâncias entre as volumetrias envolventes, criando mais habitações. Prevê-se a manutenção das actividades existentes no quarteirão, ao nível da habitação, comércio e serviços, com revisões do subaproveitamento de espaço de armazéns

Segundo o plano estratégico definido para esta área da cidade, propõe-se a viabilização de um programa misto de comércio e habitação, onde as características das habitações e dos espaços comerciais possam constituir um factor comparativamente vantajoso. Será, portanto, de prever que aqui possam vir a ser acolhidas famílias residentes, comércios, actividades de apoio a residentes e turistas e,



RECOMENDA-SE A REFORMULAÇÃO DA COBERTURA PARA BENEFECIAÇÃO ESTÉTICA, A ELABORAR EM FASE DE PROJECTO

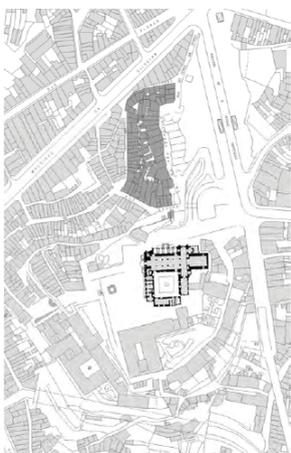
A CONSTRUIR

A DEMOLIR

206, 207 Esquema de intenções de adição de pisos adicionais

eventualmente, alguns espaços de escritórios ou serviços, indutores de dinâmica e valorização da Baixa e do centro histórico. Considera-se que o quarteirão Martins Alho deve incluir alguma inovação ao nível das tipologias habitacionais a disponibilizar, contribuindo para a introdução de novos segmentos populacionais neste local e preservando simultaneamente a sua singularidade arquitectónica.

236



208 209



210

208 Planta de localização do quarteirão de Pelames
209 Vista do conjunto
210 Vista a partir do quarteirão para a sé

5.3.2.3

QUARTEIRÃO 14002 - PELAMES

237

O quarteirão de Pelames está inserido no Morro da Sé, localizado na freguesia da Sé. Delimitado a Norte e Poente pela Rua dos Pelames, a Nascente pela Rua do Corpo da Guarda e travessa de S. Sebastião e a Sul pela Rua Escura. Estabelece uma relação de grande proximidade com a Catedral e a Estação de São Bento bem como importantes eixos e de serviços e equipamentos.

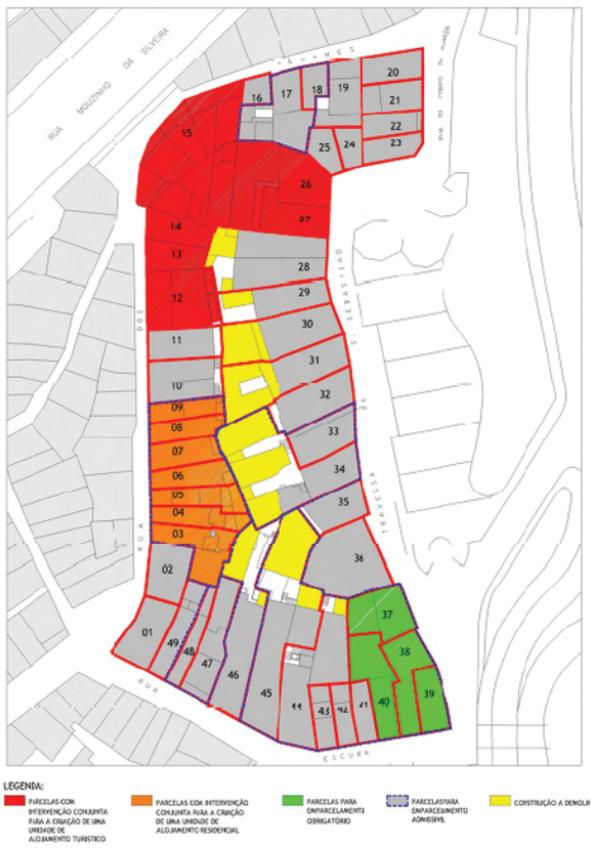
É constituído por 49 parcelas, 41 das quais propriedade privada, 5 da Câmara Municipal do Porto, 2 da Fundação para o desenvolvimento da Zona Histórica e 1 propriedade pertence à Porto Vivo, SRU. As parcelas desenvolvem-se em profundidade e apresentam uma dimensão variável e irregular, articuladas ao relevo do local. A existência de logradouros é predominante, apesar de muitos deles estarem ocupados com acrescentos espontâneos nos pisos térreos, ou mesmo anexos independentes.

Tipologicamente, os espaços interiores seguem o modelo do lote estreito e profundo com poucas variações, alterando-se conforme com as dimensões da frente do lote. Existem também, no espaço de logradouro, cerca de 10 habitações decorrentes de um período de sobrelotação¹. Habitações pequenas, geralmente com um compartimento e com casa de banho partilhada comunitariamente.

A agregação de parcelas é um factor verificado neste quarteirão, decorrente da necessidade de optimização do espaço útil por parte dos proprietários, bem como da transformação do modelo habitacional pré-existente. É portanto uma solução progressivamente adoptada, reconfigurando o espaço às necessidades dos proprietários.

«A ocupação dos fogos acontece de modo desorganizado, (...) propiciando uma situação recorrente na distribuição e organização interna dos edifícios,

¹ Estes espaços ganharam a denominação de *Ilhas*



211 Esquema de emparcelamento de propriedades, intervenção conjunta e demolição do interior do reabilitar

a tipologia repartida, que consiste na distribuição de áreas de habitação com interligações através de espaços comuns, sem que exista um mínimo de privacidade ou conforto para quem nelas habita»².

O perfil funcional dos imóveis criou circunstâncias incompatíveis com novos modelos de habitar. A composição dos imóveis com r/c comercial por onde se acede aos pisos superiores, a falta de estacionamento, entre outros factores, levaram à saída progressiva dos habitantes desta zona. A maior parte da população que resiste em habitar no quarteirão é idosa, de baixos rendimentos e com baixas rendas, com pouco poder económico para reabilitar as casas. Grande parte dos edifícios devolutos (34%) estão em estado de ruína, e os habitados estão em mau estado de conservação e com sérios problemas de segurança e salubridade, iluminação e ventilação.

Tendo em conta todos estes factores, o Plano estratégico elaborado pela Porto Vivo –SRU pretende por um lado resolver o estado de degradação avançado do quarteirão, por outro introduzir novas dinâmicas modernizadoras que desenvolvam novos confrontos sociais, atraindo novos públicos e estimulando a sedimentação de novos moradores.

O programa de requalificação pretende manter e qualificar as funcionalidades existentes, integrando-as em novas actividades que venham a emergir. A intenção de instalar uma pequena unidade hoteleira dirigida ao turismo, ou a criação de residências destinadas a estudantes figuram-se como estratégias que atraem públicos complementares. Cada um destes projectos fará parte de uma estratégia de emparcelamento de dois conjuntos de edifícios.

Outras das principais medidas, é a demolição das estruturas espontâneas e das *ilhas* do espaço interior do quarteirão, permitindo a sua qualificação, e uma me-

2 in Documento estratégico “Unidade de Intervenção Pelames _ Quarteirão 14002” volume 1 Março de 2008

lhor ventilação, iluminação e diminuição dos riscos de segurança em caso de incêndios. O realojamento dos residentes destas *ilhas* será feito no próprio quarteirão integrando uma unidade residencial decorrente do emparcelamento de um conjunto de 7 edifícios.

241

No restante edifício prevê-se a realização de obras que permitam a melhoria das condições de habitabilidade, não se prevendo qualquer expropriação durante o processo.

5.3.3

PROPRIEDADE PRIVADA OCUPADA TEMPORARIAMENTE

Se o fenómeno *Shrinking Cities* representa para muitas pessoas um ciclo contínuo de abandono de propriedades, o espaço excedente que resulta destes fluxos surge por vezes como portador de novas possibilidades que se geram na cidade. A escassez de opções, a longo prazo, que absorvam estes espaços sobrantes de uma cidade “perfurada”, pode muitas vezes gerar soluções de carácter efémero e espontâneo que lancem pistas a acções de carácter mais permanente. Os espaços “pioneiros”¹ são exemplo dessas possibilidades, onde o carácter temporário nos remete para a condição nómada que define a natureza humana². Bruce Chatwin diz que «raramente os nómadas destruíram uma civilização – se é que alguma vez o fizeram. Limitavam-se a tirar proveito das situações de desagregação (...)»³

243

Acções de natureza temporária⁴ representam muitas vezes posições informais de actuação na cidade, que procuram dinâmicas de sustentabilidade, manutenção e, sobretudo, o preenchimento dos “buracos” deixados pelo esvaziamento da cidade. A sua “missão” é activar e despertar mecanismos que revitalizem a cidade⁵.

Os centros das cidades são especialmente afectados com o problema crescente de edifícios residenciais e comerciais devolutos, que progressivamente debilitam a imagem e a capacidade de atracção. Elske Rosenfeld afirma que hoje em dia, muitos destes centros começaram a experimentar novas ideias de utilização dos espaços devolutos, ainda que de forma temporária, procurando desenvolver novas estraté-

1 Estratégias de ocupação temporária conciliadas com práticas informais.

2 Bruce Chatwin defende que «a evolução destinou-nos a ser viajantes. A fixação por qualquer período de tempo, em caverna ou em palácio, foi condição esporádica na história do homem. A fixação prolongada segue um eixo cronológico de cerca de 10 milhares de anos, uma gota no oceano do tempo de evolução» No entanto, «para o habitante da cidade existiam, (...) atracções óbvias numa sociedade em que “todos nascem nobres” e onde havia menos escravatura (por ser demasiado incómoda). Em épocas de desespero a “alternativa nómada” era demasiado tentadora para se lhe resistir. (...)». A cidade abandonada, funciona assim como a “clareira” expectante por novos nómadas. in “Anatomia da Errância” Quetzal Editores, Lisboa, 1997

3 Idem p. 110

4 O seu carácter temporário não significa contudo que seja uma acção precária.

5 Socio-culturais, políticos e urbanos

244 gias que devolvam uma nova vida a estes locais.⁶ Os edifícios abandonados ou temporariamente vagos dão (por exemplo a grupos de artistas) possibilidades de uso do espaço com liberdade económica, física e livre de constrangimentos institucionais. A cidade simultaneamente empobrecida e disponível, oferece ótimos recursos perante a criatividade e flexibilidade que a auto-iniciativa pública pode proporcionar.

Klaus Overmeyer refere que em zonas despovoadas, tornam-se importantes alterações nas políticas de propriedade de modo a permitir a contratação temporária, ou o uso público de espaços abandonados. Porém é necessário avaliar os recursos existentes, e a adequação dos locais ao uso proposto.

O uso temporário de propriedades por artistas, músicos ou por outro tipo de actividade, nas suas mais diversas expressões, reflecte uma transformação inconformista das lógicas urbanas de propriedade. Neste sentido, a apropriação de espaços devolutos é muitas vezes seguido da reintegração destes espaços no mercado e a sua valorização pública. Nas *Shrinking Cities*, este tipo de acções não só são toleradas, como em muitos casos surgem aliadas a programas públicos, procurando criar respostas a desestruturações na cidade e às responsabilidades acrescidas que isso representa.

Importa não confundir este tipo de acções com outras de natureza mais intrusiva e radical como os conhecidos grupos de *Okupas*⁷. Os *Okupas* encaram a ocupação como uma crítica contra o sistema económico e capitalista em que o mercado imobiliário se tornou, e consideram o direito à habitação um bem de primeira necessidade que devia estar ao alcance de todos. Fazem da ocupação um veículo de protesto.

6 ROSENFELD 2006

7 Denominação dada a uma comunidade de Barcelona que ocupa edifícios abandonados. Ver site <http://okupes-bcn.squat.net/index.html>
Existem noutras regiões urbanas, geralmente em locais caracterizados por uma forte especulação imobiliária, grupos com denominações e filosofias de vida idênticos.

A ocupação contra a vontade dos proprietários, no caso dos *Okupas*, é contrária à ideia desenvolvida e praticada em muitas das *Shrinking cities*. Aqui, procura-se o acordo entre proprietários na cedência de terrenos e imóveis, por um período temporário e muitas vezes a troco de pequenos benefícios (fiscais por exemplo), e pede-se à comunidade local que reinvente novas possibilidades de uso que contribuam para a dinamização local.

Com as devidas reservas, é dado ao cidadão na sua individualidade, a possibilidade de usar a cidade e fazer parte do seu processo de transformação de forma mais efectiva. Pretende-se que os habitantes reactivem parcelas de terreno ou edifícios que perderam o seu uso, de forma a explorar novos potenciais, reabilitar sítios negligenciados, e melhorar espaços degradados da cidade.⁸ Projectos artísticos, por exemplo, fornecem possibilidades de estímulo na activação comercial directa, melhorando a imagem urbana ou fornecendo novos impulsos e a possibilidade de um novo sentido de auto-estima nas comunidades locais. Socialmente este tipo de possibilidades é cada vez mais visto como uma esperança e crescente expectativa, porque é visível uma resposta que reage a estas zonas deprimidas, marginalizadas e socialmente em tensão. Não tanto pelo súbito interesse artístico ou por qualquer outra actividade, mas porque estabelecem um elo de novas relações, que podem gerar novas dinâmicas urbanas, fortalecer identidades locais e induzir mudanças positivas.

Klaus Overmeyer afirma que em cidades com boas redes de transportes e alta densidade de população será certamente mais fácil encontrar e converter espaços abandonados em espaços de lazer, espaços de arte e cultura, ou adaptação de práticas desportivas, porque têm público dinâmico que os alimenta⁹. Em pequenas ou médias cidades como Évora, estas medidas representam um redobrado esforço

⁸ Este processo é tanto mais consistente se envolver diferentes associações locais e o próprio município, na agilização dos processos de cedência temporária.

⁹ Os grupos sociais mais disponíveis são jovens, artistas e cidadãos mais cultos que na generalidade têm gosto em arriscar e a envolver-se no processo de transformação e reflexão da cidade.

quando práticas desta natureza se procuram implementar. Contudo, nem sempre de atractividade se constroee a cidade. Existem usos e práticas quase anónimas que podem significar muito para a cidade e para quem delas tira proveito, sobretudo quando se vêem envolvidas no planeamento de uma cidade, onde se tornou difícil “construir” algo de novo, porque tudo se encara como consolidado. 247

A longo prazo a ocupação de escritórios, espaços comerciais ou residenciais vagos pode ser promovida pela economia criativa e informal gerada pelos próprios cidadãos, activando as frentes de rua com novas funções.

Nas páginas seguintes, apresentam-se 4 experiências onde se procura desenvolver e potenciar novas formas de exploração de espaços tornados obsoletos. Formatos menos convencionais de acções que exemplificam a capacidade de adaptação e exploração de conceitos que estimulam no uso da cidade, em locais onde gradualmente se foi perdendo a vitalidade urbana.



212 Planta de localização de Halle Tempo, Berlim

5.3.3.1

HELLE TEMPO

Hellersdorf, Berlim, Alemanha

249

Helle Tempo, situa-se no distrito suburbano de Hellersdorf em Berlim, e apresenta grande percentagem de despovoamento. Temendo o alastramento do fenómeno de abandono, as autoridades locais decidiram empregar medidas urbanas pouco convencionais. Através de um convite público, foi sugerido a ocupação de propriedades vazias por quem assim o desejasse. As propriedades disponíveis para ocupação foram inventariados e marcadas pelo Município com uma linha amarela, no passeio imediatamente à sua frente, indicando assim a marca pública desta acção.

Desde então, as leis especialmente alteradas para o efeito e enquadrando estas possibilidades, dão aos habitantes de Helle Tempo, transitoriamente e em condições favoráveis, o acesso temporário das propriedades. As contrapartidas ficam-se pela obrigação de manutenção permanente dos espaços usados. Neste contexto surgiram situações espontâneas de uso temporário de propriedades, tornando o seu re-uso uma possibilidade acessível.

Em relação aos proprietários, o Município estabeleceu um acordo, onde estes se comprometem a ceder temporariamente a sua propriedade, em troca da isenção de taxas e da responsabilidade de manutenção do edifício durante o tempo de cedência. A responsabilidade de manutenção passa a ser feita pelo usuário que usufrui temporariamente do espaço, e em muitos casos com o apoio do próprio Município. A condição para todos estes usos, é que o tempo é sempre limitado, e caso surja alguém interessado em comprar ou alugar a propriedade nos termos legais, a ocupação temporária será realocada para outra propriedade.

Klaus Overmeyer, refere que este processo iniciou uma variedade de tipologias de uso nunca antes equacionadas, desde pequenos jardins sociais, um clube de boxe



213 Jardim comunitário formado a partir da ocupação temporária de uma propriedade privada sem uso

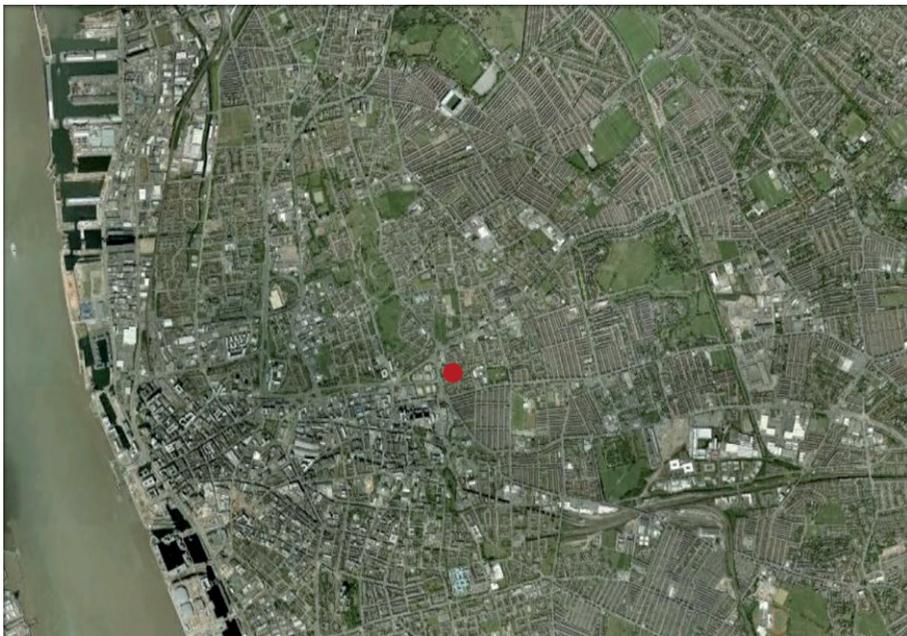
num antigo ginásio, ou um espaço de lazer com picadeiro nos terrenos de uma antiga creche.

«Usos temporários não são certamente a panaceia contra o *Shrinking*. Estes representam contudo, em vários domínios uma nova cultura de uso e de desenvolvimento urbano (...)»¹ que pode transformar lógicas tradicionais de gestão e planeamento urbano, bem como modelos de investimento.

Outros distritos vizinhos seguiram esta prática, como em Marzahn-Hellersdorf, onde foi criado um gabinete Municipal que gere um processo idêntico, mas especialmente direccionado para o uso de edifícios e espaços de propriedade pública desocupados. O objectivo foi diminuir as despesas de manutenção a cargo do Município e manter através destas ocupações temporárias a manutenção dos edifícios devolutos. Deste processo resultaram inúmeras hortas e jardins comunitários, projectos artísticos ou projectos desportivos que foram gerados a partir de associações locais e moradores.

A integração destes espaços devolutos na vida pública revela-se vantajosa em vários sentidos: os proprietários dos imóveis vêem provisoriamente a responsabilidade da manutenção suspensa (a manutenção dos edifícios é muitas vezes negligenciada por incapacidades de ordem financeira), e o utilizador temporário, em troca de um espaço livre para desenvolver um projecto toma essa responsabilidade. A cidade ganha com a criação de novas estruturas e usos que a mantêm viva, e as propriedades muitas vezes “encalhadas” no mercado imobiliário são valorizadas e renovam o seu interesse no contexto da cidade.

1 OVERMEYER 2006: 342



214 Planta de localização de Kenley Close, Liverpool

5.3.3.2

UP IN THE AIR | FURTHER UP IN THE AIR

Liverpool, Reino Unido (2000-2004)

253

Liverpool Housing Action Trust (LHAT) foi um organismo criado pelo Governo em Fevereiro de 1993 para melhorar ou reestruturar zonas residenciais em Liverpool num prazo estimado de 12 anos. Este organismo explorou novas formas de trabalho em parceria com associações locais, procurando perceber os reflexos das políticas de habitação a desenvolver. Adoptou uma política de intervenção social através do desenvolvimento de actividades artísticas, estabelecendo um quadro para o desenvolvimento das três vertentes da actividade cultural no seio da organização: Comunidade Artística, Educação Artística e Arte Pública Participada. *Up in the Air* e *Further Up in the Air*,¹ fazem parte da 3ª vertente desta estratégia. Foram 2 Programas realizados na cidade de Liverpool, geridos pelos artistas Neville Gabie e Leo Fitzmaurice. Ambos os projectos foram desenvolvidos com o apoio LHAT e com a participação dos residentes locais, numa zona periférica da cidade de Liverpool, que após um processo de desertificação estava perante o início de um processo de demolição de inúmeros blocos habitacionais.

O projecto consistiu na criação de residências de artistas² ao longo de vários meses, em Kenley Close, num dos blocos residenciais do parque imobiliário Sheil parcialmente desabitado. Esse bloco incluía-se num plano de demolição lançado pela LHAT, para a reabilitação urbana de algumas áreas urbanas de Liverpool. Ob-

1 Ver site http://publicartonline.org.uk/casestudies/housing/up_in_air/index.php, para informações adicionais, sobretudo sobre o processo de envolvimento dos habitantes na recepção de artistas, participação na selecção e na organização de eventos associados a este projecto. Os residentes constituíram um importante papel no resgate de memórias e na sua percepção local perante um cenário de mudança. Muitos dos habitantes viviam neste local desde que os blocos habitacionais foram construídos nos anos 60.

2 Os dez artistas participantes em *Up in the Air* foram Leo Fitzmaurice, Neville Gabie, Grennan & Sperandio, Dirk Konigsfeld, Kelly Grande e Becky Shaw, Philip Reilly, George Shaw e Chloe Steele. No *Further up in the air* 18 artistas foram comissariados pelo período de 3 anos: Jordon Baseman, Vittorio Bergamaschi, Catherine Bertola, Marcus Coates, Bill Drummond, Leo Fitzmaurice, Anna Fox, Neville Gabie, Stefan Gec, Lothar Gotz, Gary Perkins, David Mabb, Paul Rooney, Will Self, Julian Stallabrass, Greg Streak, Tom Woolford, Elizabeth Wright.

254



215

216 217



218 219 220

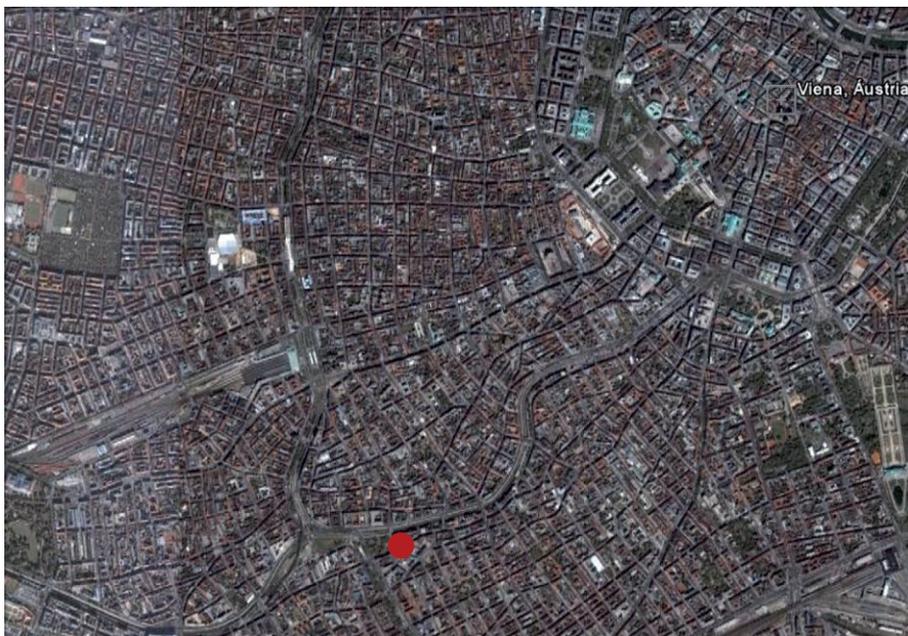
215 Dois dos blocos habitacionais contemplados pelo plano de demolição
216, 217 instalação artística criada a partir da remoção de elementos que compunham um dos apartamentos vagos, e agrupados em forma de cubo pelo artista Neville Gabie.
218, 219, 220 as instalações artísticas tomam partido dos materiais disponíveis e incluem ainda a participação das próprias pessoas que ainda residem nos blocos. Caso disso foi a performance de Marcus Coates.

jectivamente o projecto integrava a demolição como uma oportunidade inclusiva entre produção artística e envolvimento social e cooperativo com os habitantes (através da associação de moradores), num ambiente tradicionalmente marginalizado por este tipo de acções.

Dois mundos – o dos moradores e dos artistas - à partida desconexos, não só se encontraram na convivência quotidiana com a produção artística, como na própria convivência de vizinhança. Else Rosenfeld refere que esta relação, não só influenciou a produção final, como alterou preconceitos de ambas as partes, sobretudo porque a arte foi encarada neste processo como uma possibilidade de reflectir e transmitir a percepção dos próprios habitantes sobre o processo de demolição da zona. Um dos sucessos desta acção foi não haver «qualquer ambição política emancipadora, ou uma abordagem participativa envolvendo “actores” locais, mas [simplesmente] a vontade de se deixar afectar por eles (...)».³ A exposição final do trabalho, conseguiu atrair um largo número de pessoas, não tanto pelo interesse artístico, mas pela curiosidade de captar um último olhar sobre os blocos residenciais em fase de demolição, os espaços com os quais se identificavam e o resultado do seu envolvimento no processo de reflexão artístico.

3 ROSENFELD 2006:359

Tradução livre («in fact, it's true strength lay not so much in any explicit political, emancipatory ambition, or a participatory approach involving local actors, but in its willingness to allow itself to be appropriated by them - on their terms»)



221 localização da Rua 5 Mietenfrei, no centro da cidade de Viena

5.3.3.3

MAKING IT 2

Viena 2005

257

*Making it 2*¹ foi um programa lançado na cidade de Viena com o objectivo de revitalizar e modernizar uma área urbana em depressão. O esvaziamento de inúmeros estabelecimentos comerciais, indicam uma mudança estrutural no comércio e na população do Centro de Viena. *Making it 2* vê estes factores como potencialidades que procura reverter em novas utilizações, direccionadas a novos usuários. Procurou-se devolver consistência à rua, usando-a como espaço de expressão e reflexão sobre a cidade.

Foram seleccionados 9 projectos² interdisciplinares de equipas jovens, que mostravam fundamentos sustentáveis, promovendo-se económica e mediaticamente a sua fixação em espaços estrategicamente localizados. O projecto colocou à disposição dos seus participantes 9 lojas desocupadas na Rua 5 Mietenfrei no distrito Schönbrunnerstraße em Viena, pelo período de um ano. Em troca, os participantes comprometeram-se a realizar um projecto de investigação sobre a linguagem da rua. Os resultados desta pesquisa não só figurariam na mudança directa da rua, como fariam parte de uma publicação em formato impresso e digital que registariam a experiência.

Os participantes utilizaram as instalações como um espaço de trabalho e investigação sobre o tema da própria rua, projectada no domínio urbano. Uma das

1 www.making-it.at faz parte de uma estratégia de divulgação. Nele estão disponíveis informações adicionais sobre trabalhos específicos desenvolvidos ao longo do projecto bem como acções cronologicamente assinaladas. Este projecto foi lançado pela Associação Verein ArchitekturRaum 5, comandada pelos arquitectos Mark Gilbert, Hans Hinterholzer, Wolfgang Niedervieser. Esta associação dedica-se desde 2002 a promover e implementar projectos inovadores, na área da arquitectura, urbanismo e investigação urbana.

2 Assocreation (artes plásticas), Ballesterer (revista sobre futebol), Framework (arquitectura e urbanismo), ILabor (Grupo de estudantes de Arquitectura Paisagista), in_between : architecture (arquitectura), rain (arquitectura / artista), Sammer/Steeruwitz (arquitectura), Studio Mageriten (fotografia), Raumspray (multimédia experimentalista)

258



222 223



224 225

222, 223 2 das 9 lojas vazias disponibilizadas às equipas de profissionais que se propuseram a reactivá-las
224, 225 acções desenvolvidas ao longo do projecto, incluem conferências, workshops, exposições ou mesmo
encontros convívio informais

premissas deste projecto era envolver igualmente a comunidade Vienense. Complementando estes 9 espaços comerciais reactivados, existia ainda um espaço, na área do projecto, onde deveriam ocorrer exposições, apresentações, eventos, festivais e fóruns de discussão sobre o trabalho desenvolvido, bem como outros temas associados a práticas arquitectónicas e urbanísticas actuais.

Vários projectos foram então elaborados por cada ateliê para dar visibilidade e promover o debate. Foram realizados vários workshops de fotografia/ arquitectura/ urbanismo/ multimédia, palestras e debates sobre arquitectura e urbanismo em parcerias com a Universidade Técnica de Viena e a Academia de Belas Artes e Exposições sobre Arquitectura Emergente que reconhecidamente procuraram reverter processos idênticos ao desta área urbana. Paralelamente, desenvolveram-se em cada ateliê ciclos de exposições e convívios, que tornavam continuo o envolvimento dos ateliês entre si, com a rua e com os cidadãos.

Making it 2, define a rua como veículo de comunicação, e a acção humana como linguagem de (re)invenção de práticas sociais e urbanas.³

3 in www.making-it.at

260



226 parece de escalada num edifício de 18 andares. Inclui-se no projecto sportification desenvolvido pelo ateliê alemão Complizen

5.3.3.4

SPORTIFICATION

*Sportification*¹ refere-se a eventos no espaço urbano transformado em suporte de práticas desportivas. O desafio passa por integrar novos desportos na cidade e em estruturas que arquitectónicamente não foram pensadas para esse efeito. Locais abandonados ou sem uso, podem figurar como opções estimulantes à prática desportiva.

261

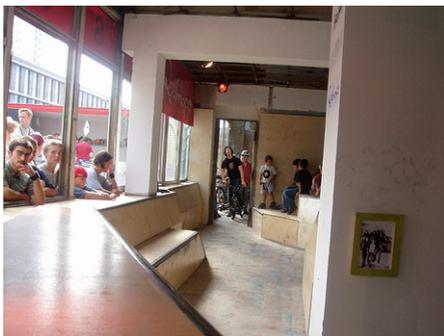
O ateliê alemão Complizen², tem desenvolvido uma investigação experimentalista neste domínio. Em 2002 desenvolveram na cidade Alemã de Halle, desencadeado pela tentativa da candidatura aos Jogos Olímpicos, o conceito de *Sportification* como factor de desenvolvimento urbano. Em cooperação com o Hotel Neustadt e o Thalia Theater Halle, apresentaram um novo tipo de evento desportivo que decorreu dentro e fora de um bloco de 18 andares desabitado³. Este evento introduziu variações nos desportos radicais convencionais, tirando partido das potencialidades do espaço arquitectónico. Existem vários tipos de desportos compatíveis com estes cenários, ou simplesmente podem ser reinterpretados e reinventados neste processo. Desportos já instituídos como a escalada ou o paintball; desportos emergentes como o Parkour; ou desportos que são variações dos originais, como o “DownStairs” (variação do downhill), o jogo do Pac Man (variação do jogo da apanhada), ou competições de aviões de papel, etc., podem ser desenvolvidos nestes espaços em competições organizadas ou por mera estratégia de reunião da comunidade e instituição de hábitos desportivos.

As práticas desportivas podem, em locais com evidentes perdas de actividade, gerar novos modelos de identificação e de uma abordagem inovadora perante condições urbanas adversas. O desporto funciona aqui como instrumento de reflexão sobre a cidade, e das novas possibilidades geradas pela quantidade de estruturas desaproveitadas, conforme refere o atelier Complizen.

1 Ver site www.sportification.net

2 Ver site www.complizen.de

3 Deste evento foi realizado um vídeo que esteve presente no Pavilhão Alemão da Bienal de Veneza de 2004, onde era referenciado o seu pioneirismo a nível internacional.



O *SkateBar*, projectado por este ateliê de arquitectura, é um Bar combinado com um espaço dedicado à prática de skate e BMX, situado numa pequena sala do Centro de Arte Contemporânea de Halle que permanecia desocupada. A dimensão da sala constitui ela própria um desafio aos *bikers* e *skaters*, e prova que o desporto pode ser adaptável às mais diversas situações, e um instrumento de transformação e activação do espaço.

Évora acolheu por diversas vezes a prática de *downtown* (variante do *downhill*) no centro histórico da cidade, mas muitas outras práticas desportivas poderiam ser potenciadas com recurso a meios existentes, que requerem na maioria das vezes baixos investimentos.

5.3.4

RECETAS URBANAS

Santiago Cirugeda, Sevilha (1996 – 2010)

265

«Ciertas situaciones sociales se alimentan o se facilitan a través de estrategias urbanas o construcciones arquitectónicas. La arquitectura, a parte de poder producir el destroz territorial y paisagístico de una ciudad, también tiene capacidad técnica y de gestión para producir situaciones reversibles, de reuso, de tiempo limitado, capaces de dar vida con pocos recursos a situaciones de abandono o degradación.»¹

Santiago Cirugeda desenvolve desde 1996, um processo de trabalho onde a arquitectura é usada como instrumento de reflexão e crítica sobre a Cidade, que se traduz numa intervenção social participada e na aplicação de medidas que colmatem necessidades ou desejos básicos de uma pequena comunidade. Invariavelmente faz uma abordagem dos conflitos entre os interesses espaciais do proprietário individual e as leis que as controlam. Uma atitude de respostas imediatas a situações quotidianas, em que a utilização da arquitectura num sentido mais efémero

«(...) pode ser uma ferramenta que gere situações de críticas e que pode produzir pressão sobre modelos obsoletos de construção da cidade»².

Cada uma das instalações é um processo de negociação de um conjunto de limitações de ordem legal, revertidas de forma a dar resposta a um desejo dos habitantes. Em vez de se opor explicitamente a essas restrições, o Arquitecto estuda cuidadosamente o tipo de impedimentos, tornando-as matéria de projecto.

¹ in entrevista "Recetas urbanas para una ciudad habitable" <http://www.diagonalperiodico.net/article4750.html>

² in entrevista "Perspectivas críticas- arquitectos, artistas, docentes, críticos e comissários" in revista Arq.A jan/fev.2010 p.28

Assim, procura possibilidades de acção residual, entre as linhas do código civil, construindo estratégias (i)legais de projecto urbano, em espaços improváveis, mas onde se reconhece grande potencial. Leva ao limite, a legalidade para criar espaços de uso social, aproveitando o desperdício de espaços urbanos e materiais considerados menores, transformando-os numa arquitectura ligeira, barata e flexível.

Recetas Urbanas, pretende fabricar ideias e projectos urbanos susceptíveis de serem aplicados e desenvolvidos espontaneamente por quem as queira reutilizar na sua cidade. Figuras na invenção elementar do fabrico de uma “receita” para uma situação concreta, passíveis de serem reutilizados em condições urbanas similares, e portanto disponíveis publicamente.³

As *Recetas Urbanas*, acompanham-se de orientações jurídicas, estudos de carga e instalação, materiais, montagem e esquemas de projecto, que tornam o processo o mais claro possível. O processo não dispensa contudo um estudo exaustivo das situações urbanas na sua especificidade, uma vez que o cidadão que as aplica é responsável pelos danos físicos materiais ou sociais decorrentes da sua aplicação.

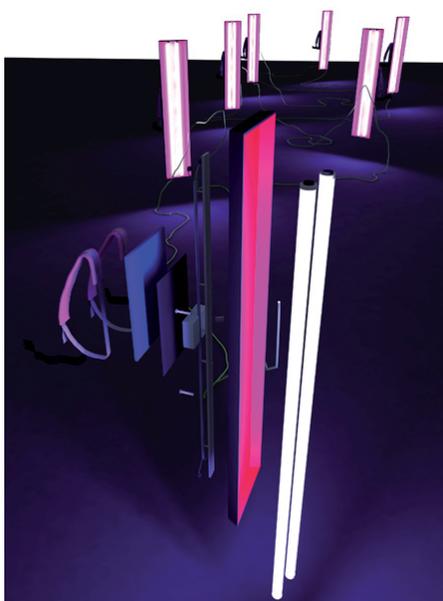
Santiago Cirugeda propõe um novo modelo de cidade, onde os habitantes têm o principal papel na decisão e na construção do seu contexto, e defende que a arquitectura será tanto melhor quanto mais se envolver com os problemas sociais, ao invés de deixar o poder de decisão cativo de agentes políticos e urbanistas. O arquitecto torna-se neste processo intermediário entre os cidadãos e a administração da cidade, dando voz às necessidades de uma comunidade.

Santiago Cirugeda refere que o impacto dos seus projectos tem permitido nalgumas situações acordos com administrações locais que propõem inclusive ocupações temporárias em terrenos baldios de propriedade públicas expectantes.⁴

³ Ver site <http://recetasurbanas.net/>

⁴ in entrevista “Recetas urbanas para una ciudad habitable” <http://www.diagonalperiodico.net/article4750.html>

268



231



230 232



233 234

230 Esquema das "lâmpadas-mochila"

231, 232, 233, 234 performance desenvolvida no Bairro de São Bernardo, em Sevilha. Arq. Santiago Cirugeda. O objectivo foi despertar o sentido crítico e participativo da comunidade local, perante a transformação do bairro.

5.3.4.1

PROJECTAR COM LUZES

REF. A
COD.000/SVQ/96.97
Sevilha (1996)

269

O Bairro de São Bernardo em Sevilha, enfrentava há vários anos os efeitos de uma especulação imobiliária desenfreada pela sua localização privilegiada. O processo de gentrificação verificado, estava a provocar a saída dos seus habitantes mais pobres, anulando as relações de vizinhança e as vivências do bairro em geral. O bairro apresentava então, sintomas de degradação patrimonial do conjunto. Neste sentido, o Município decidiu levar a cabo uma profunda reformulação do espaço urbano e dos serviços públicos, sem prévia consulta pública.

No âmbito do Programa das Jornadas de Urbanismo sobre o Plano Urbanístico Especial para o Bairro, Cirugeda viu uma oportunidade de definir uma estratégia que convocasse informalmente os habitantes a participar activamente nas decisões que seriam aí discutidas. Um manifesto à participação em

«decisiones políticas, reativando la participación ciudadana poniendo de relieve la cohesión y fuerte identidad vecinal de barrio de San Bernardo, com una acción de carácter colaborativo, para icentivar la asistencia masiva a una reunión pública».¹

Procurou-se encontrar um equilíbrio das transformações do espaço proposto pelo município e entre aspirações dos habitantes do bairro.

A noite foi escolhida para dar luz às 14 “lâmpadas-mochila”, ligadas às casas dos habitantes que cederam voluntária e temporariamente energia eléctrica. O ob-

¹ Santiago Cirugeda in <http://recetasurbanas.net/>



236



235
237



238

235 Noticia de um Jornal, dando visibilidade ao processo participativo desencadeado por esta iniciativa
 236, 237, 238 as performances materializavam, através da luz, os projectos que o município planeava desenvolver nos terrenos do bairro, sem consulta dos habitantes locais.

jectivo foi construir simbolicamente com luz, no próprio espaço do bairro, os 4 projectos propostos a discussão:

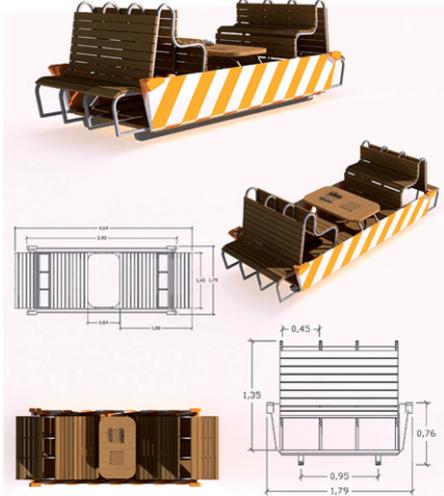
- _a construção de 10 casas num terreno baldio privatizados num condomínio;
- _dar visibilidade às escavações efectuadas pelo município na zona do bairro, sem consulta pública, e exhibir os achados arqueológicos encontrados;
- _a reabilitação da antiga fábrica adjacente ao bairro, para habitação social, de modo a realojar pessoas que saíram de suas casas pela eminência de ruína;
- _dotar o bairro com ligações pedonais, numa periferia caracterizada pela rotura de densos traçados viários.

Simultaneamente lúdica e festiva, esta simulação consciencializou os habitantes da transformação planeada, discutindo-a de modo a estabelecer equilíbrios entre a caracterização actual do bairro e as alterações propostas do ponto de vista dos principais visados. Activou-se assim a vontade pública, expressa na grande adesão por parte dos moradores nas Jornadas organizadas sobre o tema.

A vontade reivindicativa activada nesta população, manteve-se sempre que os habitantes do Bairro foram gradualmente sentindo a desestruturação do bairro. Contudo, dez anos depois destas jornadas, verificou-se que a pressão imobiliária e a passividade do Município, perante o estado de degradação do bairro, tenderam a acentuar-se, levando ao abandono de mais 90% da população que em 1996 vivia no Bairro de San Bernardo. Isto deveu-se à sobrevalorização dos imóveis, e a sua ocupação por novos grupos sociais com poder económico substancialmente maior.



CUBAS
ARCHITECTURAL GAMES S.C.



ARCHITECTURAL GAMES S.C./ARQUITECTO SANTI CIRUBEDA/RECETASURBANAS.NET

239, 240, 241, 242, 243, 244 reutilização de um depósito de entulho como suporte para desenvolver elementos qualificadores do espaço urbano.

5.3.4.2

KUVAS S.C.

RECUPERAR A RUA

Ref.A

Cod.001/Svq/97.97

Sevilha (1997)

273

A estratégia desta intervenção passa pela reinterpretação da gestão do espaço urbano e da ocupação da via pública com dispositivos (i)legais que criem uma base física, passível de ser reutilizado na instalação de equipamentos temporários. Pretende-se desenvolver a consciência pública para a dinamização do espaço urbano de proximidade, onde o cidadão pode revelar-se como agente na transformação, à revelia da inoperância das instituições públicas.

O uso de um contentor de recolha de entulho, transforma-se em inúmeras possibilidades de transformação, como seja um palco, bancos e mesas de aço e madeira para zona de estada, zona de leitura ou de jogos de mesa, um mini jardim improvisado, uma mini piscina, baloiços para crianças, espaço expositivo, ou qualquer outra coisa ditada pela imaginação e desejo do cidadão.

Santiago Cirugeda define os passos para a transformação do espaço público por iniciativa privada, mas cumprindo os parâmetros da lei: Solicitar uma licença de instalação de um contentor de recolha de entulho num local específico, com o propósito de uma qualquer transformação interior de um espaço doméstico. Contratar a colocação do contentor. Inventar possibilidades de uso que configurem uma transformação no espaço público, tendo por base a estrutura do contentor.

O exemplo apresentado toma forma num bairro de Sevilha onde se verificava que todo o centro histórico só dispunha de um único parque infantil, apesar de sucessivos pedidos de rectificação por parte da população. Incompreensivelmente tais equipamentos, eram na opinião do Município incompatíveis com a configuração



245, 246, 247, 248, 249, 250 "KUVAS S.C." aplicada noutros contextos, reinventando novas possibilidades de qualificação do espaço público. *Recetas Urbanas* são projectos disponíveis a serem usados por outras pessoas que lhes reconheçam qualidades e possibilidades de aplicação. Este grupo de imagens é uma reinterpretação do projecto "KUVAS S.C." aplicado por outros cidadãos na sua própria cidade.

do centro histórico, porque demasiado modernos. Cirugeda prova que estes impedimentos são infundados, e contorna tais constrangimentos, mostrando que qualquer civil, pode regular o uso temporal de espaços públicos, transformando-os a favor das necessidades locais. Cria-se com isso, o envolvimento da população na decisão e resolução de problemas sociais com, eventualmente, alguma visibilidade no que diz respeito às suas necessidades, junto das instituições públicas.

A acção foi denunciada, mas perante o cumprimento legal do processo de instalação do contentor, não foram encontrados argumentos legais que impedissem a sua utilização para outros fins para além dos que haviam sido propostos. Durante 4 meses, a experiência foi utilizada em diferentes lugares, com diferentes utilizações. Verificou-se que espontaneamente surgiram no seio dos habitantes, ideias de utilização.

Apesar do êxito referido por Santiago Cirugeda no uso exemplar destes dispositivos urbanos, o mesmo acrescenta que nenhum morador quis assumir tal responsabilidade, por medo de subverter leis, de se envolverem em complexos processos, ou simplesmente por incapacidade e vontade de participar activamente na melhoria urbana dos seus bairros, porque fundamentalmente há falta de cultura participativa na transformação da cidade.



276



251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258 Ocupação de espaços devolutos da cidade de Sevilha e introdução de equipamentos urbanos. Um projecto que resultou de uma parceria entre o arq. Santiago Cirugeda e o Município de Sevilha. Este projecto introduziu mudanças na política de ocupação de espaços devolutos privados, passando a permitir que tal aconteça de forma temporária.

5.3.4.3

ORGANIZAÇÃO E OCUPAÇÃO TEMPORÁRIO DE ESPAÇOS DEVOLUTOS

Ref. A

Cod.007/Svq/04.06

277

O Município de Sevilha estabelecia o fecho de espaços devolutos com muros suficientemente altos para evitar o despejo de entulho, tornando estas áreas insalubres e inutilizadas nalguns casos por mais de 20 anos, apesar de reservar-se ao direito de expropriação passados 2 anos.

O presente projecto resulta da parceria entre o Ateliê de Santiago Cirugeda e o Município de Sevilha. Teve por objectivo a utilização temporária de espaços devolutos na cidade, para proveito da população em geral, reduzindo assim a imagem de abandono que a cidade transmite nos bairros mais históricos. Paralelamente constrói-se o levantamento geral destes espaços urbanos expectantes, e dos edifícios cujos proprietários negligenciam o seu estado de ruína, e as obras a que a lei os obriga.

A alteração das leis de propriedade figurava-se essencial para que se voltasse a enquadrar estes espaços na vivência urbana da cidade. Alterações estas que Cirugeda defendia que facilitariam o controlo sobre estes espaços obsoletos, verificando que o sistema de registo de propriedade se encontrava igualmente desactualizado.

A estratégia seria então ter acesso a estes espaços sem que os proprietários perdessem o seu direito, construindo processos de colaboração mais pacíficos onde esses mesmos proprietários beneficiariam com a cedência temporária da propriedade para usufruto público. Perante os benefícios evidentes para a cidade, o Município antes de transformar a lei, desenvolveu uma iniciativa piloto da ideia em terrenos de propriedade municipal.